

Teresa Restivo, co-autora do ebook "Laboratories of Instrumentation for Measurement", considera

"É necessário fazer uma maior divulgação do ebook"

"Inovador e único". É assim que Teresa Restivo classifica o ebook "Laboratories of Instrumentation for Measurement", editado pela Universidade do Porto.

Imagens, fotografias e vídeos manuseados da mesma forma que se folheia um livro, que inclui experiências integradas remotamente.

Mas para quem nasceu e cresceu com os livros em papel, este novo conceito provoca estranheza e até medo.

Vida Económica – Este ebook em termos de conceito é inovador?

Teresa Restivo – Mais do que inovador, eu diria que é único. Hoje em dia fala-se muito em ebooks, mas geralmente está-se a falar de um ficheiro PDF que está acessível a qualquer pessoa.

Julgo que, por mais definições que se queiram fazer de ebook, ainda há muita confusão. Nós falamos de livros há cinco mil anos, os primeiros livros que se conhecem são do terceiro milénio antes de Cristo e eram livros em tábuas de argila, que foram evoluindo ao longo do tempo.

Em termos de conceito, eu entendo um ebook como uma obra que está suportada por um formato digital. Mas, para ter essa designação, julgo que deve reunir um grande conjunto de componentes multimédia. Se assim não for, já temos o livro em papel. Aliás, os estudos revelam que 70% das pessoas quando têm um ebook simples o que fazem é imprimi-lo.

Neste sentido, julgo que este ebook é harmonioso. Claro que tem imagens, fotografias e vídeos, tem simulações com alguma computação por trás, tem animações que são meramente exercícios de imagem, mas depois tem algo que mais nenhum tem que são os laboratórios remotos e virtuais.

Eu não conheço mais nenhum livro no mundo que tenha experiências integradas remotamente. Julgo que foi este aspecto que resultou na atribuição de prémios no estrangeiro.

Por outro lado, há outro aspecto que inovador: fizemos um exercício que consistiu na colocação no manuseamento do ebook uma semelhança tão grande quanto possível à sensação de folhear um livro em papel.

Ao aceder, a pessoa escolhe qual a versão que quer, inglesa ou portuguesa, e é obrigada a passar as primeiras páginas, depois chega a um índice de capítulos e a partir daí pode ultrapassar o prefácio, nota de autor e passar directamente para os capítulos que quiser onde tem indicações por cores

mas também por números para o caso dos daltónicos. O livro não está adaptado para pessoas invisuais, salvo se o computador onde seja acedido tiver leitor de texto.

Um aspecto que queria destacar é que este livro está focado no que se denomina "task-based learning", ou seja, todos os capítulos estão desenvolvidos em torno de trabalhos que colocam em evidência os conceitos.

VE - Como tem sido a receptividade do livro quer no meio académico quer no mercado em geral?

TR –Depois de lançarmos o livro na Universidade do Porto, fomos convidados para fazer o lançamento na Fnac e logo depois participámos no programa Ciência 2010.

O que eu sempre disse quando me faziam convites é que não era o mesmo lançar este livro que lançar um romance ou uma novela. O meu grande receio nos lançamentos quando convidaram a editora a ir à Fnac era chegar e não ter ninguém. Este tipo de obra é de estudo e investigação, ou seja, é só mesmo para as pessoas que estão mesmo interessadas. Mas a receptividade tem sido boa e os prémios são um reflexo disso.

VE - Este projecto teve apoios da faculdade ou de outras entidades?

TR -É muito difícil dizer que não teve porque houve firmas que contribuíram para que fosse possível lançar o livro sem que tivesse encargos para a Universidade do Porto. Mas em grande parte o livro resulta de anos de trabalho nossos.

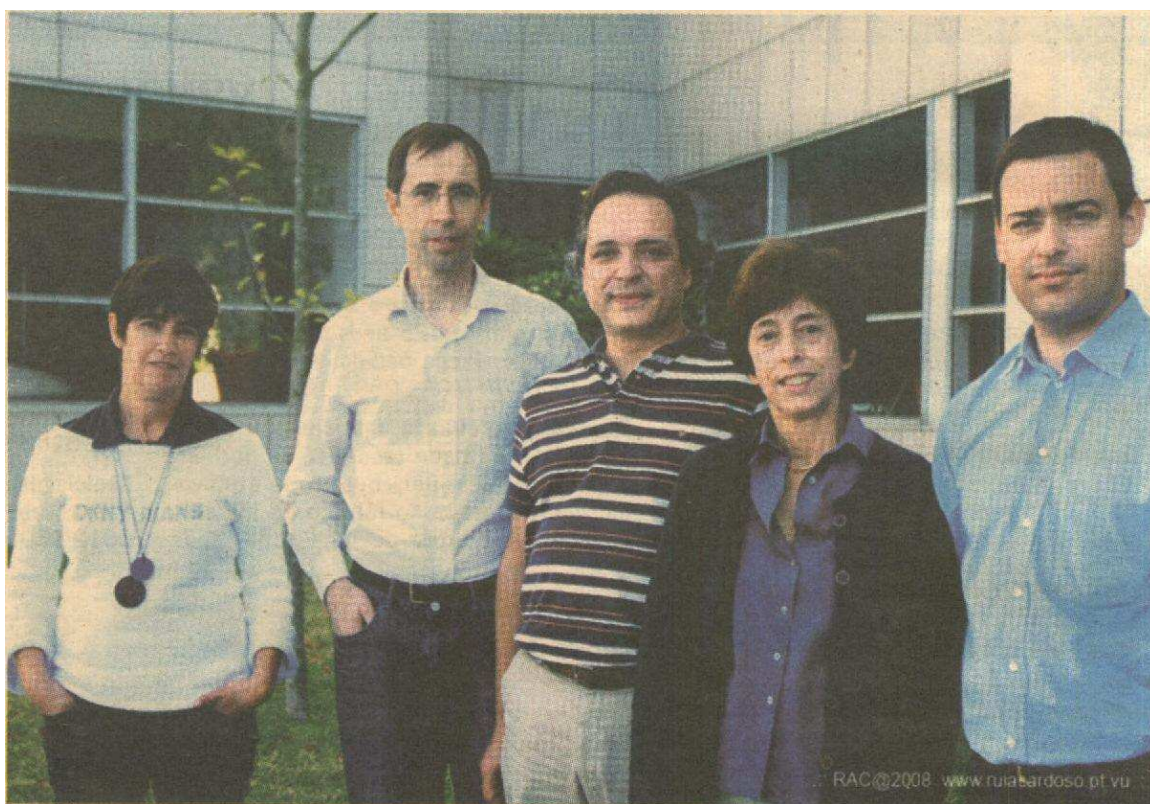
VE - Estas novidades podem ter interesse em termos editoriais. Ou seja, as mesmas bases podem ser utilizadas noutros livros e noutras áreas?

TR -Pretendemos continuar a fazer outros livros na área da instrumentação para medicação e há algo muito interessante que foi o design atribuído pelo editor e que ainda não nos cansou apesar de

12 revisões. Julgo que aquela base é perfeitamente passível de voltar a ser reutilizada.

VE - Já estão previstos novos lançamentos no mesmo formato?

TR -Sim, estamos neste momento a preparar um e já temos material para mais dois. Mas tudo vai depender da procura.



Fátima Chouzal, Gabriel Mendes, Fernando Almeida, Teresa Restivo e António Lopes são co-autores do ebook da UP.

Data: 12.06.2009

Titulo: "É necessário fazer uma maior divulgação do ebook"

Pub: **VidaEconómica**


clipping
consultores

Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Notícias

Pág: 36

LIVRO EM SUPORTE DIGITAL É VISTO COM DESCONFIANÇA E MEDO

Portugal não é um mercado tão receptivo quanto os outros países em termos destes novos suportes

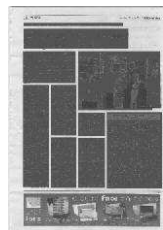
"Eu acho que as pessoas têm um bocado de medo e ainda são um bocado desconfiadas. Até mesmo na compra, se a pessoa for à livraria, vê o livro, pega nele, vê o aspecto por dentro, lê excertos, consulta o índice", afirma Teresa Restivo.

Ao comprar um ebook tudo é imaterial. O CD vem dentro da caixa, protegido pelo plástico e não se vê nada, é como comprar um disco de música. Compreendo que as pessoas possam ter alguma apreensão pois só podem ver depois de comprar. Neste sentido, entendo que é necessário fazer uma maior divulgação. Mas entendo que o livro tem os outros aspectos que referi, como o acesso a laboratórios nossos por qualquer pessoa e a "task-based learning", que são mais-valias. Tudo o que é novo e não é habitual passa sempre por algumas dificuldades iniciais.

Apesar da suas vantagens do ebook face ao suporte tradicional, o livro digital não parece não ter condições para substituir o livro em papel.

"Julgo que o ebook só deve substituir o livro em papel quando isso se justificar. Se eu comprar um livro em papel que traz um livro em CD na contracapa regra geral as pessoas não consultam o CD. Por exemplo, nós usamos mais livros de trabalho aos quais recorremos apenas para procurar algo de uma forma rápida, para procurar uma sugestão, etc. Portanto o que é multimédia claro que não está no papel, mas se a informação que precisamos não é multimédia, não usamos o CD."

"Posso afirmar que as pessoas de todas as idades (não só os mais velhos) quando querem usar um livro digital tendem a imprimi-lo, por isso julgo que só se justifica o conceito de ebook desde que tenha conteúdos que não possam ser utilizados de forma impressa. Também já ouvi defenderem o ebook face ao papel por motivos ecológicos, por não se consumirem árvores, mas consome-se energia e não sei se não se traduz numa maior produção de materiais que não sejam bio-degradáveis", conclui Teresa Restivo.



Área: 712cm²/ 70%

Tiragem: 21.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 2701627